

pela sociedade. O foco recai naquilo que os media, o governo, os gestores das instituições hospitalares e os médicos poderão fazer para conhecer melhor a profissão e como usar esse conhecimento para transmitir um retrato mais rigoroso e realista da profissão de Enfermagem. Em tom de conclusão, o décimo-primeiro capítulo fornece um conjunto de ferramentas e estratégias de divulgação da importância e valor da Enfermagem: projeção de uma imagem de profissionalismo; estabelecer pontes com os media regionais e nacionais; participar em programas de televisão e rádio; bem como escrever cartas para o editor e divulgar a investigação científica que produzem.

Saving Lives é uma obra de leitura obrigatória para Enfermeiros, mas também para outros profissionais e para o público que se interesse por questões de saúde. Bem redigida, com objetivos concretos e uma linguagem clara permite a compreensão da problemática da invisibilidade da Enfermagem e quais as soluções para a mesma. Apesar da sua origem americana, o livro constitui-se como uma excelente referência da realidade portuguesa, cuja televisão, aberta ou por cabo, transmite as mesmas séries sobre saúde (*House, Grey's Anatomy, Nurse Jackie, ER, Private Practice, Hawthorne*). Os autores procuram validar a sua argumentação através da alusão a artigos e dados científicos, usando, para isso, uma linguagem acessível e fluída que torna a leitura bastante agradável.

O desconhecimento da sociedade sobre a Enfermagem impede que esta exija os recursos financeiros, a educação, a autonomia e autoridade nas instituições que lhe permita prestar melhores cuidados de saúde aos utentes. Portugal enfrenta uma escassez generalizada de enfermeiros, acompanhada de um fluxo migratório que tem encaminhado os melhores profissionais para fora do país. Na realidade, está cientificamente provado que menos cuidados de Enfermagem significam menos saúde, mais complicações e maior

mortalidade. Enquanto os cidadãos desconhecerem o papel dos Enfermeiros e, conseqüentemente, os cuidados de Enfermagem a que têm direito, nunca poderão pugnar por dotações seguras de enfermeiros, nem por condições laborais e materiais dignas. Por isso, urge aumentar a literacia em saúde e dar a conhecer o papel fundamental dos enfermeiros na saúde dos indivíduos, grupos e comunidades. Nesse âmbito, *Saving Lives* é a obra indicada para todos aqueles que querem mais saúde, com mais qualidade e segurança.

Rodrigo Cardoso

*Instituto Português de Oncologia de
Coimbra Francisco Gentil, EPE*

Stephen Zunes e Jacob Mundy. 2010. *Western Sahara: War, Nationalism and Conflict Irresolution*. Syracuse, New York: Syracuse University Press. 319 pp. ISBN: 978-0-8156-3219-1,

O atual conflito pela soberania do Saara Ocidental resultou da apressada e mal preparada saída deste território do Norte de África, em 1975, por parte de Espanha, a potência colonizadora desde 1885. A esta saída, e à assinatura de uns acordos de transferência de soberania que nunca chegaram a ser reconhecidos pelo direito internacional, nem cumpridos nos seus termos, seguiu-se uma invasão de forças militares marroquinas, despoletando uma guerra com o movimento saaráui de libertação nacional, a Polisário, que duraria até 1988, bem como uma deslocação massiva de população saaráui para território argelino, onde ainda hoje permanecem várias dezenas de milhares de refugiados. Em 1991, as partes assinavam um acordo de paz que previa a realização de um referendo de autodeterminação para

a população indígena do território, em conformidade com o direito que a ONU, já desde 1964, lhe vinha a reconhecer. O referendo nunca chegou a acontecer e o processo de paz acabou por morrer. Atualmente, apesar das negociações sob os auspícios da ONU que decorrem entre as partes, verifica-se, na prática, uma situação de impasse, uma vez que cada uma das partes se atêm a não negociar alguma coisa que considera primordial e que colide com as pretensões da outra. Marrocos propõe que se referende um plano de autonomia para a região, mas considera inegociável aquilo que diz ser a 'marroquinidade do Saara' e, portanto, não aceita que a independência seja uma das opções desse referendo. A Polisário, apoiando-se no direito internacional, não aceita negociar, precisamente, essa possibilidade de opção pela independência do território num referendo de autodeterminação.

Nos territórios ocupados, vive-se um clima de tensão e repressão e, periodicamente, eclodem manifestações contra as autoridades marroquinas, de que a mais recente e notória ocorreu no acampamento de Gdeim Izik, precursor das recentes revoltas árabes, no outono de 2010. A sua dispersão por forças militares marroquinas provocou mortos de ambos os lados, mas o evento não chegou a ter a repercussão internacional e doméstica que tiveram os seus congêneres na região.

Além disso, são muito poucos os estudos académicos sobre este conflito. E o mesmo acontece com reportagens jornalísticas. Trata-se de um conflito marginalizado pela política internacional e esquecido pela opinião pública. Só por isso, seria de saudar a edição do livro que aqui apresento, constituindo, além de tudo, uma muito boa sistematização e atualização de informação sobre o conflito. Não se trata, porém, de uma análise imparcial de todas as vertentes do conflito. Em primeiro lugar, em termos éticos, os autores assumem a sua simpatia pela causa saaráui, nomeadamente acerca da reivindi-

cação de um exercício de autodeterminação, ao que corresponde uma perspectiva fortemente crítica sobre as pretensões e a atuação de Marrocos, da ONU e de outros atores internacionais. A argumentação dos autores, porém, também não é meramente opinativa, antes assenta em pesquisa sistemática, com extensa informação de primeira mão baseada em entrevistas a atores institucionais e em trabalho de campo. Em segundo lugar, em termos analíticos, o livro também apenas aprofunda o lado saaráui, sendo a análise da posição e atuação de Marrocos muito mais sumária e baseada em dados secundários.

O objetivo principal do livro é a exploração das raízes do conflito e da sua resolução. O subtítulo indica as três partes que o compõem, em que cada uma, por sua vez, inclui três capítulos. A primeira parte analisa a evolução política do conflito por referência aos vários atores envolvidos: Marrocos e a Polisário, mas também a Argélia, no contexto regional, e, no contexto internacional mais alargado, principalmente a França e os EUA. A segunda parte analisa o nacionalismo saaráui: a sua génese, evolução e expressões atuais. Na terceira parte, os autores analisam a evolução da questão por referência a um horizonte não apenas político, mas também normativo, quer dizer, por referência à questão da descolonização e ao processo de paz, procurando discernir as razões do falhanço de ambos.

Para lá das causas políticas imediatas que despoletaram a guerra e condicionaram a sua evolução (capítulos 1, 2 e 3), os autores situam as raízes da intratabilidade deste conflito no plano imaginário, nomeadamente nas 'diferenças mutuamente exclusivas nas autoperceções em que assentam os nacionalismos marroquino e saariano ocidental' (p. xxiii). Começam logo por notar que, enquanto o nacionalismo saariano ocidental ameaça o nacionalismo marroquino apenas na medida em que este envolve a anexação do terri-

tório do Saara Ocidental, o nacionalismo marroquino visa a própria supressão do Saara Ocidental como povo, nação e país (p. xxiii). De facto, uma das vertentes da estratégia de Marrocos é a de negar a própria existência de um 'povo saaráui'. Face a isto, um dos pontos fortes do livro é a análise do nacionalismo saaráui (capítulos 4, 5 e 6), procurando identificar 'as condições históricas e epistemológicas que tornam possível o saaráui' ou, mais prosaicamente, 'compreender como foi que um grupo de pessoas no lado ocidental do Saara acabou por se ver a si mesmo como um povo, uma nação e, a dada altura, um país sob ocupação' (p. 95).

Na análise do nacionalismo saaráui, os autores distinguem entre o nacionalismo no exílio (capítulo 5) e o nacionalismo nos territórios ocupados (capítulo 6). Esta distinção é bastante importante. Se é certo que foi a partir dos territórios ocupados que se desenvolveu, política e militarmente, a luta contra a ocupação marroquina – tendo sido essencialmente neste processo que se generalizou e consolidou uma moderna identidade política saaráui portadora de um projeto de independência, sob a direção da Polisário – a verdade é que, atualmente, é sobretudo nos territórios ocupados e no sul do território marroquino que se expressa essa resistência à ocupação, na rua e já não tanto sob a influência da Polisário. Dada a ambição da obra, contudo, faria aqui sentido a análise de outros contextos saaráuis cada vez mais específicos e relevantes: a diáspora (especialmente forte em Espanha) e a comunidade saaráui no norte da Mauritânia.

O entendimento que os autores fazem do nacionalismo saaráui é uma peça integrante da sua explicação da irresolução do conflito (tratada nos capítulos 7, 8 e 9). Nesta explicação, é de conferir especial destaque à última secção antes da conclusão, intitulada 'Uma Autópsia do Processo de Paz do Saara Ocidental' (pp. 249 ss) que, de certa forma, é uma sùmula de todo o livro. Os autores explicam aí

que o falhanço do processo de paz, que se tem tentado implementar desde o final da década de 1980, se deve ao facto de serem falsos quatro dos pressupostos essenciais que lhe têm estado subjacentes.

Em primeiro lugar, o pressuposto de que, mais cedo ou mais tarde, a Argélia deixaria de apoiar a Polisário. De facto, Marrocos tem tentado, ao longo dos anos, reduzir o conflito a um conflito interestatal entre ambos os países, desvalorizando assim a Polisário e o nacionalismo saaráui que Marrocos procura mostrar como meros produtos argelinos. Esta abordagem tem sido aceite alguns meios académicos e políticos, estando ligada a um olhar dito realista sobre este conflito. Em contraponto, Zunes e Mundy demonstram (capítulo 2) que não só não foi a Argélia que despoletou o conflito, como, para além disso, não é imprescindível para a sua resolução; e também que não foi a Argélia que criou o nacionalismo saaráui, nem este desapareceria se lhe retirasse o seu apoio.

Em segundo lugar, o pressuposto de que a Polisário, sendo a parte mais fraca do conflito, mais cedo ou mais tarde haveria de fazer concessões. Pelo contrário, os autores notam que um acordo de bastidores que comprometesse o direito de autodeterminação do povo saaráui seria para a Polisário um 'suicídio político' (p. 250), sendo, por isso, que o pensamento 'off the record' dos diplomatas da Polisário quanto à resolução do conflito parece ser mais flexível do que o seu discurso público (p. 220). O pressuposto é, portanto, invertido, enfatizando-se que a própria existência política da Polisário, na sua credibilidade e legitimidade, decorrem da sua atuação na defesa daquele direito.

Em terceiro lugar, o pressuposto de que o atual regime marroquino quer realmente, e é capaz de, chegar a um compromisso. Para explicar por que é que isto é falso, como tem ficado progressivamente patente desde a década de 1990, os autores remetem sobretudo

para a interseção dos interesses militares e económicos nos territórios ocupados do Saara Ocidental, atualmente, mas eu penso que há que entrar também em linha de conta com as bases de legitimação do próprio regime da monarquia marroquina, em especial a ideia do Grande Marrocos como projeto de nacionalidade que os autores consideraram entre as causas imediatas do despoletar do conflito (pp. 34 ss).

Finalmente, o pressuposto de que o Conselho de Segurança da ONU está disposto a fazer o que for necessário para se chegar a uma solução justa e duradoura para o conflito. Em relação a este ponto, é de destacar a análise daquilo a que os autores chamam o ‘consenso franco-americano’ (capítulo 3): ‘uma dedicação partilhada à estabilidade da monarquia marroquina que supera tudo o resto, incluindo os interesses da paz e do direito internacional no Saara Ocidental’ (p.xxv). O modo como este consenso tem vindo a minar a descolonização do território e o processo de paz atravessa toda a terceira parte do livro (capítulos 7, 8 e 9). Por exemplo, os autores notam que ‘[a] partir do momento em que a MINURSO [Missão das Nações Unidas para o Referendo no Saara Ocidental] foi criada [em 1991], o abandono do referendo nunca foi uma questão de se, mas de quando’ (p. 218).

Em matéria de cenário de resolução do conflito, a tese central dos autores (exposta nos capítulos 2 e 6 e na conclusão) é a de que só uma resistência não violenta à ocupação, em conjugação com a criação de elos de solidariedade entre marroquinos e saaráuis nos territórios ocupados e com a influência da ‘sociedade civil transnacional’, pode levar a uma resolução pacífica, duradoura e consonante com o direito internacional. E, efetivamente, esta é uma estratégia atualmente em curso nos territórios ocupados, uma estratégia empreendida por ONGs locais de saaráuis e muito centrada em questões de direitos humanos (onde explicitamente se inclui o

de autodeterminação), em detrimento da própria Polisário, cujo poder e influência se exercem sobretudo nos campos de Tindufe e cuja estratégia de atuação política na cena internacional não tem conseguido mais do que impedir o reconhecimento internacional da anexação marroquina do território.

Esta é uma obra importante para quem tem interesse neste conflito ou, de um modo mais geral, na região, já que o conflito do Saara Ocidental tem importantes impactos, por exemplo, em questões de integração económica e de cooperação de segurança entre os países do Norte de África. Mas é também uma obra importante acerca da resolução de conflitos e construção da paz, constituindo um estudo de caso bastante aprofundado para essas matérias.

Maria João Barata

Instituto Superior Miguel Torga

Jorge Miguel de Sousa Carvalho. 2011. *O Homem Portador de Carcinoma da Próstata: Uma Transição no Masculino*. Loures: Lusociência. 175 pp. ISBN 978-972-8930-73-8

O autor Jorge Carvalho é licenciado em Enfermagem, pós-graduado em Gestão de Enfermagem em Unidades de Saúde, Mestre em Ciências de Enfermagem e docente convidado na Escola Superior de Enfermagem do Porto. Enquanto profissional da área, exerce funções como Enfermeiro no Centro Hospitalar do Porto, EPE – Hospital de Santo António. O livro é baseado na sua dissertação de mestrado em Ciências de Enfermagem, na perspetiva da teoria das transições de Meleis, descrevendo o processo de transição, com-